

# ENTREVISTA

## HISTÓRIA DAS MULHERES EM QUESTÕES

ANNE COVA

Entrevista  
Denise Bernuzzi de Sant'Anna\*

Feminismo e história das mulheres são expressões reveladoras de uma significativa espessura política e cultural, na medida em que são examinadas empiricamente, submetidas a comparações rigorosas e, ainda, ao questionamento paciente dos valores que constituem cada época e grupo social. Na entrevista que se segue, com a historiadora francesa Anne Cova, é possível perceber a atualidade das pesquisas sobre a história das mulheres e, também, alguns de seus vínculos com temas essenciais para o entendimento da história contemporânea. Uma excelente oportunidade para melhor conhecer este campo de estudos, cuja vitalidade é tão grande quanto a sua complexidade.

Anne Cova é pesquisadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS) e foi professora convidada nas Universidades de Stanford, Princeton e da Califórnia-Berkeley nos EUA. É vice-presidente da Associação Portuguesa de Investigação Histórica sobre as Mulheres (APIHM), filiada à International Federation for Research in Women's History (IFRWH). Entre suas numerosas publicações destacam-se: *Maternité et Droits des femmes en France, XIX-XXe siècles*, Paris, *Anthropos-Economica*, 1997; "Au service de l'Eglise, de la famille et de la Patrie". *Femmes catholiques et maternité sous la IIIe République*, Paris, L'Harmattan, 2000; *Writing Women's History in Southern Europe, 19th-20th Centuries*, Oeiras, Celta, 2003 (com Gisela Bock, Orgs.) e *Org. Comparative Women's History: New Approaches*, Boulder and New York, Social Science Monographs/Columbia University Press, 2006; *Féminismes et néo-malthusianismes sous la IIIe République : "La Liberté de la maternité"*, Paris, L'Harmattan, 2011.

**DENISE BERNUZZI:** *Você é autora de vários trabalhos sobre a história das mulheres e do feminismo na Europa, considerando, também, as pesquisas realizadas nos EUA. Quais seriam, na sua opinião, os principais cuidados necessários para hoje se fazer uma história comparada das mulheres entre a Europa e os EUA?*

**ANNE COVA:** Se me permite, vou basear a minha resposta num livro que tive o prazer de coordenar, intitulado *História comparada das mulheres. Novas abordagens*. Ele publicado inicialmente nos Estados Unidos em 2006, depois em Portugal em 2008, em francês em 2009 e, em outubro de 2012, será publicado em espanhol. O ponto de partida e cerne deste livro é a questão: como escrever uma história comparada das mulheres? Quatro proeminentes historiadoras americanas, Ann Taylor Allen, Bonnie S. Anderson, Karen Offen e Susan Pedersen, aceitaram o desafio de contribuir para este debate. Os principais cuidados necessários para hoje se fazer uma história comparada das mulheres entre a Europa e os EUA são relacionados com: as fontes; as entidades de comparação; as categorizações/definições/tipologias; as semelhanças e as diferenças.

A questão das fontes, que é fundamental em qualquer projecto de pesquisa histórica, por vezes revela-se mais complicada em pesquisa comparada

devido à necessidade de fontes comparativas. Isto não é simples, por várias razões, incluindo a heterogeneidade de fontes disponíveis e o modo como são classificados os diferentes arquivos. Às vezes, é mais difícil localizar fontes em história das mulheres simplesmente devido à inexistência de uma forma de catalogação apropriada. Contudo, muitas fontes continuam por explorar. A importância das fontes primárias não deve minimizar a necessidade de efetuar uma comparação entre historiografias e esta deve preceder qualquer comparação histórica. A este respeito, é importante ter ao nosso dispor monografias que assentem numa sólida pesquisa empírica. Tal como na história, também na história das mulheres: antologias, coletâneas, manuais, e o estado da arte em diferentes países, tudo isto facilita o trabalho comparativo. Em suma, fontes primárias e o domínio de diferentes historiografias são pré-requisitos. Isto implica perceber várias línguas para entender as sutilezas de cada idioma e muitas deslocações em arquivos e bibliotecas nos países estudados.

**DENISE BERNUZZI:** *Portanto, as formas de comparação são essenciais, mas implicam em dificuldades, você poderia falar um pouco sobre elas e sobre como proceder neste tipo de análise?*

**ANNE COVA:** A questão sobre quais entidades comparar é delicada. Sendo mais frequente escolher-se o Estado-nação, podem surgir outras possibilidades como unidade de análise. A este respeito, existe todo um debate sobre a importância do Estado-nação. Realizar pesquisa comparada significa ter uma ideia clara do que se está a discutir. A importância de categorizações, definições e tipologias apropriadas é crucial para que se façam comparações sólidas. A classificação implica limitações inerentes tais como o risco de uma utilização excessivamente dualista das ideias em jogo. A(o) historiador(a) comparativo é confrontado com o perigo de não ter em consideração todas as nuances, e de fazer generalizações abusivas. O ato de comparar pode esbater o contexto nacional e a singularidade, aos quais a(o)s historiadora(e)s são sensíveis. Mas sem a comparação não é possível ver aquilo que é distinto.

Como se faz a comparação? Se qualquer projeto de pesquisa deve começar por justificar as delimitações geográficas e cronológicas, então este exercício pode ser mais complicado nos estudos comparados em virtude das

dificuldades que a comparação levanta. É essencial estar muito atenta(o) à contextualização de qualquer fenômeno, quaisquer que sejam as sociedades que irão ser comparadas. Analisar as semelhanças e as diferenças é comum a todo o trabalho comparativo. Estabelecer as convergências, pontos comuns, e semelhanças, que existem entre os casos sob comparação, ao mesmo tempo que se analisam diferenças, divergências, singularidades, e especificidades.

Examinando as vantagens, benefícios, e recompensas, e confrontando-os com as inconveniências, dificuldades e problemas de escrever a história comparada das mulheres, acho que quando lidamos com casos comparativos, colocamos questões diferentes, e muitas vezes novas, que não surgiriam em casos de estudo únicos. Adotar uma abordagem comparativa também ajuda a distinguir o essencial do incidental através de uma variedade de casos que nos permitem compreender a problemática global. O prazer intelectual que se retira da compreensão de um assunto no seu contexto mais vasto, não deve ser subestimado. Esta avaliação dos custos e benefícios tenta demonstrar que efetuar uma pesquisa em história comparada das mulheres é recompensador, podendo enriquecer a nossa compreensão do passado e dar-nos uma explicação mais completa e um melhor conhecimento da nossa própria sociedade. Se, na verdade, a pesquisa comparada exige que a(o) acadêmica(o) esteja atenta(o), também se verifica que a pesquisa comparada rigorosa contribui para reavaliar e rescrever a história numa perspectiva mais abrangente.

**DENISE BERNUZZI:** *Acredita que o entendimento da história das mulheres passa cada vez mais pela compreensão da história dos homens, juntamente com a construção da ideia de virilidade?*

**ANNE COVA:** Embora prefiro a expressão “História das mulheres” à qualquer outra, é importante referir aqueles trabalhos que têm sido conduzidos sob várias designações. Irei responder à sua pergunta com duas citações de grandes historiadoras: Gisela Bock e Michelle Perrot. Gisela Bock escreve no livro intitulado *Women in European History* : “Uma história que ignora metade da humanidade não é sequer meia história, pois sem as mulheres a história não faria justiça tão pouco aos homens e vice versa.”<sup>1</sup> Michelle Perrot, juntamente com o Georges Duby na *História das mulheres no Ocidente*, refere sobre a escolha do título “História das mulheres” que trata-se de escrever “uma história

decididamente relacional que interroga toda a sociedade e que é, na mesma medida, história dos homens.”<sup>2</sup>

**DENISE BERNUZZI:** *Você orientou diversas teses importantes sobre o feminismo, entre elas aquela de Manuela Tavares, publicada pela editora Texto em 2011, com o título Feminismos, percursos e desafios (1947-2007). Neste trabalho monumental, por meio do qual pode-se ler a história contemporânea de Portugal, percebe-se uma diversidade significativa de ideias feministas em ebulição durante os anos 70 e 80 em Portugal. Mas, apesar do aumento de estudos sobre o tema e, ainda, do desenvolvimento de uma consciência maior sobre a igualdade de direitos, há ainda, segundo a autora, um "feminismo tácito", não assumido, além de uma dificuldade para ampliar o debate público sobre o assunto. Como você vê essa tendência? Acha que o feminismo radical, por exemplo, é algo do passado?*

**ANNE COVA:** A dificuldade em assumir-se, ainda hoje, como feminista tem a ver com a conotação pejorativa que teve o termo desde o seu aparecimento. O nascimento do termo “feminismo” na sua acepção moderna remonta a 1872. Nessa data, Alexandre-Dumas filho (1824-1884), filho natural do célebre escritor francês Alexandre Dumas, emprega a palavra feminismo, como adjetivo numa obra intitulada *L’Homme-femme*. A investigadora e filósofa Geneviève Fraisse, encontrou o termo numa tese de medicina, publicada em 1871, com o título *Du féminisme et de l’infantilisme chez les tuberculeux* e salienta que em medicina o termo significava feminização do sujeito masculino.<sup>3</sup> O termo “feminismo” surge, assim, na França, entre os anos 1870-1880, e propagou-se a outros países no virar do século. Em 1882, Hubertine Auclert – conhecida como sendo a primeira sufragista – proclama-se publicamente feminista. Dez anos depois, ocorre em Paris, o primeiro congresso reivindicando, na França, a etiqueta de feminista.

Antes dos movimentos feministas se organizarem, existiram, desde sempre, atos feministas isolados. É assim, que, embora o termo não fizesse parte da linguagem corrente, Olympe de Gouges, publica, em 1791, uma *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne* sobre o modelo da *Déclaration des droits de l’homme et du citoyen*. Além deste gesto isolado de feminismo, não existe qualquer outro texto doutrinal fundador, que constituísse uma referência incontornável para as feministas. Como consequência, o feminismo oferece, desde os seus princípios, múltiplas facetas. A fim de remediar a imprecisão do termo, lhe são associados

adjetivos: burguês, socialista, livre-pensador, cristão, moderado, radical, etc. Alguns desses termos possuem conotações pejorativas. É o caso de feminismo burguês, noção inventada, antes da Primeira Guerra mundial, por mulheres socialistas, tendo em vista o descrédito de um movimento que as poderia colocar na sombra. Não vou entrar mais em pormenores sobre os vários adjetivos associados à palavra feminismo, mas respondendo à sua pergunta sobre o feminismo radical não acho que o feminismo de qualquer tendência – prefiro, aliás falar de feminismo *tout court* – seja ultrapassado. Pelo contrário, nenhum direito é adquirido para sempre e as feministas devem estar atentas aos eventuais retrocessos, como por exemplo, vemos atualmente nas questões relacionadas com o direito ao aborto.

**DENISE BERNUZZI:** *Em seu livro sobre feminismos e neo-maltusianismos na França durante a IIIe República, o tema da livre maternidade - escolher ser mãe ou não ser - tem como contrapartida o direito ao aborto e o consumo de contraceptivos. Percebe-se a promoção de uma moral sexual que favorece a dissociação entre a sexualidade e a reprodução. Mas isto não significou propriamente maior liberdade sexual. Na sua opinião, em quais aspectos as feministas neo maltusianas, embora minoritárias entre as feministas, foram de fato inovadoras naquele momento histórico?*

**ANNE COVA:** Retomando o exemplo que acabei de mencionar sobre o aborto, as feministas neo-maltusianas foram inovadoras nesta questão porque na altura – fim do século XIX início do século XX – era tabu falar de aborto e de contraceptivos, mesmo no seio do movimento feminista. A maioria das feministas da época queriam ser respeitadas evitando este tema, ao contrário do que vai acontecer com o feminismo chamado da segunda vaga (anos sessenta e setenta do século XX) que fez do direito ao aborto uma das suas principais reivindicações. Como refere, as feministas neo-maltusianas eram minoritárias dentro do movimento feminista e também no movimento neo-maltusianista, mas as ideias que defendiam como por exemplo o direito ao ensino da educação sexual, a necessidade de limitar o numero de filhos, a maternidade como uma função social que deve ser protegida pelo Estado, eram ideias inovadoras num contexto onde prevalecia o lema da “despopulação” do país e onde as medidas à favor da proteção à maternidade eram assuntos muitas vezes considerados pelos legisladores como pertencendo à esfera privada.

**DENISE BERNUZZI:** *Você acha que no contexto da crise econômica europeia, o tema da proteção à maternidade é prioritário nas agendas políticas?*

**ANNE COVA:** Não me parece que o tema da proteção à maternidade seja prioritário nas agendas políticas mas o devia ser porque continua difícil para as mulheres conciliar o trabalho fora de casa com a maternidade. Em muitos países faltam creches, horários de trabalho que permitem as mães exercer uma profissão. Os movimentos feministas, desde fim do século XIX, pediam uma maior proteção para as mães e militavam a favor de leis para proteger a maternidade. Estavam particularmente atentas a situação precária das mães solteiras e esta precariedade, infelizmente, continua atual.

**DENISE BERNUZZI:** *Seus trabalhos são reconhecidos por não se limitarem a perceber as relações de gênero (e aquelas dentro de um mesmo gênero) unicamente a partir de categorias dicotômicas (público, privado - maternidade, cidadania - igualdade, diferença). A partir da sua experiência acadêmica, como você avaliaria a evolução dos estudos sobre gênero nos dias de hoje?*

**ANNE COVA:** Esta pergunta é complicada de responder porque depende muito dos países e das disciplinas. Irei falar principalmente de história das mulheres. Acho que esta última é, citando Alain Corbin, “uma das mais fascinantes tentativas de inovação da disciplina”.<sup>4</sup> Desde os seus princípios, há já mais de quarenta anos, as publicações neste domínio aumentaram de maneira espetacular. Numa introdução intitulada “As promessas da história comparada das mulheres” que escrevi para o livro que mencionei no início da nossa conversa, fiz uma breve análise sobre o estado da arte na história comparada das mulheres e/ou história transnacional, e o resultado foi mais de 80 notas de pé de página e no fim do livro 30 páginas de bibliografia. Estes números mostram que hoje em dia este campo de investigação goza de uma grande vitalidade. Claro que a globalização exige o desenvolvimento de novas perspectivas na história comparada das mulheres, que permitam melhorar a nossa compreensão do passado, e rescrever uma história comparada que inclua as mulheres. É bastante revelador que nos melhores exemplos de livros recentes sobre a escrita da história encontremos, quanto muito, um capítulo dedicado à história comparada, e outro à história das mulheres e/ou à história do gênero, mas nenhum sobre a história comparada das mulheres. Mas com a

crescente internacionalização da investigação penso que os estudos que contemplam vários países vão aumentar. Hoje em dia, quem concorre para financiamento de projetos tem necessariamente que incluir vários países.

Ao longo dos últimos vinte anos, algumas das mais prestigiadas revistas de história têm vindo a dedicar um número cada vez maior de páginas aos trabalhos de contextualização comparada. Em 1991, a revista *The American Historical Review* manteve um fórum sobre história transnacional e, em 2003, apareceu um ensaio sobre *Histoire croisée* nos *Annales*.<sup>5</sup> Embora estes esforços continuem a ser relativamente limitados e sejam recentes, são, contudo significativos, na medida em que salientam a crescente importância de se adoptar uma perspectiva comparada. Há muitos anos que *Comparative Studies in Society and History* tem funcionado como um fórum internacional de história comparada e da investigação multidisciplinar. Publicações que se dedicam à história das mulheres e à história do género/estudos do género e sobre as mulheres, tais como: *Gender and History*; *Journal of Women's History*; *Women's History Review*; *Feminist Studies*; *Signs: Journal of Women in Culture and Society*; e *Women's Studies International Forum*, também são sensíveis à abordagem comparada.

Para terminar, se percebi bem, as temáticas da revista *Projeto História* “acompanham as tendências da historiografia” e é revelador e animador que este número esteja dedicado ao Género e subjetividades.

## Notas

---

\* Professora livre-docente de História da PUC-SP. E-mail: dbsat@uol.com.br

<sup>1</sup> BOCK, Gisela. *Women in European History*. Oxford, Blackwell, 2002, p. x.

<sup>2</sup> DUBY, Georges; PERROT, Michelle. Escrever a história das mulheres. In: \_\_\_\_\_ (org.). *História das mulheres no Ocidente*. 5 vols, Lisboa, Afrontamento, 1995, p. 7.

<sup>3</sup> FRAISSE, Geneviève. *Muse de la raison. La démocratie exclusive et la différence des sexes*. Aix-en-Provence, Alinéa, 1989.

---

<sup>4</sup> CORBIN, Alain. Préface. In: THÉBAUD, Françoise. *Ecrire l'histoire des femmes*. Fontenay/Saint-Cloud: ENS, 1998, p. 9.

<sup>5</sup> *The American Historical Review*, 96: 4 (Outubro de 1991), esp. TYRRELL, Ian R. American Exceptionalism in an Age of International History. pp. 1031-55; MCGERR, Michael. The Price of the New Transnational History. pp. 1056-67; WERNER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. Penser l'histoire croisée: entre empirie et réflexivité. In: *Annales*, 1 (Janeiro-Fevereiro de 2003), pp. 7-36. tradução inglesa: Beyond Comparison: *Histoire Croisée* and the Challenge of Reflexivity. In: *History and Theory*, 45: 1 (Fevereiro de 2006), pp. 30-50). Ver também HAUPT, Heinz-Gerhard. La storia comparata. In: *Passato e Presente*, 28 (1993), pp. 19-29; SALVATI, Mariuccia. Storia contemporanea e storia comparata oggi. In: *Rivista di storia contemporanea*, pp. 2-3 (1992).

Data de envio: 02/08/2012

Data de aceite: 28/09/2012